

A CRISTANDADE A RESPEITO DE MARX

Primeiro agora, 150 anos depois de Marx, despertou na cristandade a vontade de cooperar na alteração “desta terra”.

Assim, confessou o papa-moderno Johannes XXIII., em 11 de abril de 1963, em uma encíclica, por muitos cristãos entendida como revolucionária, por muitos comunistas, como oferta-“diálogo”, com o título “Pacem in terris”, que a pessoa deve, das forças que resultaram dos “progressos da ciência e dos inventos, “apoderar-se” e “usar” elas “para sua utilidade”. Em uma formulação muito cuidadosa deu o pai santo até sua aprovação para aqueles elementos do comunismo que aspiram a uma alteração do mundo: “Quem poderia, ademais, negar que em tais movimentos, à medida que eles adaptam-se às leis de uma razão ordenada e consideram as exigências justas da pessoa humana, encontra-se algo bom e digno de reconhecimento?”

Teólogos alemães jovens, como o professor de Münster Johann Baptist Metz, foram até tão longe de considerar uma revolução alteradora da sociedade do amor cristão como imaginável.

Fonte: Der Spiegel Edition Geschichte 1/2018
200. Geburtstag Karl Marx, S. 53. Pontuação no original.

De fato, naquele tempo como hoje estavam os alunos de Marx diante do dilema, por um lado, querer alterar o mundo, por outro, porém, não poder achar nenhuma maioria para isso.

Inícios de uma teoria da revolução democrática (por maioria) desenvolveu somente Herbert Marcuse [mestre filosófico dos estudantes alemães – S. 53]. Alunos-Marx estudantes da Alemanha ocidental pensam em seus rastros. Os povos dos continentes subdesenvolvidos devem, assim espera Marcuse, em critério mundial um dia dar uma maioria da humanidade revolucionária – em união com os “oprimidos” dos países industrializados, em união também com a juventude ainda não estabelecida, por isso, disposta à revolução.

Tarefa dessa juventude deve – com as palavras de Rudi Dutschkes – ser: “revolucionar os revolucionários.” Expresso de outra forma: os estudantes devem trazer os próprios revolucionários – os subdesenvolvidos, os miseráveis, também os trabalhadores – àquela consciência revolucionária, que eles ainda não ou que eles, em sua não liberdade confortável (Marcuse), não mais têm.

Fonte: Der Spiegel Edition Geschichte 1/2018
200. Geburtstag Karl Marx, S. 58. Pontuação no original.